



**I CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



PIBIDIANOS (DE HISTÓRIA) EM AÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vilmar Antônio Bohnert- Graduando em História / Bolsista Pibid / UEG Quirinópolis
Engenheiro Agrônomo (PUCRS-1984), E-mail: vilmar.bohnert@hotmail.com

Ana Cláudia Costa - Granduanda em História / Bolsista Pibid / UEG Quirinópolis

Ailton Alves Siqueira Jr. - Granduando em História / Bolsista Pibid / UEG Quirinópolis

Eduardo Ferreira França - Granduando em História / Bolsista Pibid / UEG Quirinópolis

Fernanda Pereira. Silva - Granduanda em História / Bolsista Pibid / UEG Quirinópolis

João Correa Junior. - Granduando em História / Bolsista Pibid / UEG Quirinópolis

Paulo Ricardo de Moraes Barbosa - Granduando em História / Bolsista Pibid / UEG
Quirinópolis

Raysa Carla de Jesus Martins - Granduanda em História / Bolsista Pibid / UEG Quirinópolis

Vanessa Cristina Alves de Oliveira - Granduanda em História / Bolsista Pibid / UEG
Quirinópolis

INTRODUÇÃO:

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid, tem como objetivo proporcionar ao graduando (e bolsista) dos cursos de Licenciatura uma oportunidade impar, qual seja? Vivenciar, desde os primeiros momentos da graduação, o ambiente da sala de aula. Diferenciando-se do estágio obrigatório, e é exatamente por isso que o PIBID apresenta maiores oportunidades em relação ao estágio, no aspecto de permanecer um tempo maior junto ao aluno, permitindo aprofundar os seus conhecimentos teóricos ao mesmo tempo em que consolida esses conhecimentos na prática com a mediação constante das teorias específicas da nossa área de formação efetivadas na UEG pela coordenação do subprojeto (GOBBATO; AZEVEDO; HOPPE, 2014b)

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

Essa vivência e convivência com o ambiente escolar tem nos proporcionado uma experiência riquíssima no sentido de desfrutar deste espaço que no futuro será o palco de nossa ação como profissional de educação. Na prática, lemos, discutimos e debatemos textos teóricos específicos da nossa área de saber, história, e os textos teóricos específicos da área pedagógica com o professor coordenador para assim podemos auxiliarmos o professor nas tarefas de preparar, explicar e aplicar o conteúdo ensinando, mas também aprendemos, e muito, com aquele que está no outro lado da linha imaginária do processo ensino-aprendizagem pelo qual permeamos nossa atividade: o aluno (GOBBATO; AZEVEDO; HOPPE, 2014a)

DESENVOLVIMENTO:

Nestes poucos meses (a partir de março de 2014 quando o nosso subprojeto teve início) que desenvolvemos nossas atividades na escola-campo, temos auxiliado à Professora Flávia Rosa, titular da disciplina de história no Colégio da Polícia Militar de Goiás Dr. Pedro Ludovico, no reforço do conteúdo programático junto aos nonos anos A e B, contemplados pelo sub projeto de história do Pibid Câmpus Quirinópolis. Este complemento de conteúdo se faz necessário uma vez que o livro didático, do atual triênio escolar, não contém (ou contém somente de forma não aprofundada) alguns temas considerados importantes para o ensino de história. Isso permite buscarmos em outras fontes de pesquisa recursos didáticos que nos possibilitem um aprofundamento no assunto em questão levando ao aluno não só mais conteúdo mas também reforçar com qualidade aquele já ministrado em sala de aula. Conforme proposta do Plano de Ensino da escola,

O ponto de partida para uma situação transformadora imputa a educação como a chave que abre a possibilidade de transformar o homem anônimo, sem rosto, naquele que sabe que pode escolher em ser sujeito participante de sua reflexão (e do mundo) e de sua própria história assumindo a responsabilidade dos seus atos e das mudanças que fizer acontecer. A educação é este ponto de partida para construir/ampliar consciências e qualificar atitudes e, assim, garantir que novas gerações passem a lutar dentro e fora do espaço escolar por um mundo mais sustentável (PDE – CPMG Dr. PEDRO Ludovico, 2013).

Neste sentido, buscamos algumas formas alternativas de incrementar o conteúdo programado procurando despertar no aluno um interesse maior pela matéria de história (normalmente tida como chata, enfadonha, desnecessária, etc.) e, ao mesmo tempo, ampliar seus conhecimentos tendo vista não só sua formação escolar normal (em busca de uma



cidadania consciente e responsável), mas também no sentido de ir preparando-o para o futuro, para as provas do Enem, vestibular ou outro concurso que, na busca de sua profissionalização, porventura tenha que enfrentar.

Uma das primeiras experiências que tivemos foi em relação ao reforço de conteúdo sobre: “Revolução Russa”, “A Crise de 1929”, “Estados Fascistas” e “2ª Guerra Mundial”. Os bolsistas foram divididos em quatro grupos e cada grupo teve uma parte do conteúdo. Sob a orientação da Professora Flávia cada componente de grupo elaborou vinte questões da sua temática que foram posteriormente selecionadas. No final ficaram cerca de sessenta questões que foram trabalhadas com os alunos. Dois grupos de bolsistas trabalharam com a “9ª Série A” e os outros dois com a “9ª Série B”. As turmas foram divididas (aleatoriamente) em dois grupos com a intenção de provocar uma pequena disputa de conhecimentos.

O trabalho realizou-se no pátio da Escola, em local sombreado, e cada aluno, ao deslocar-se levou consigo sua cadeira. A professora supervisora sorteou um aluno de determinado grupo para iniciar a atividade que consistia no seguinte: o aluno indicado retirava de uma urna improvisada um papel contendo uma questão do conteúdo a ser revisado e tinha um determinado tempo para respondê-la; caso não soubesse, a questão era repassada para o grupo adversário. Conferida, a resposta correta somava (um) ponto para o grupo. O aluno, que havia respondido a questão, por sua vez indicava (pelo número da chamada) alguém do outro grupo como próximo candidato a ser questionado. E assim, sucessivamente.

Em nossa avaliação (junto com a professora supervisora) a experiência foi produtiva sob vários aspectos. A simples saída dos alunos do ambiente da sala de aula, indo para o pátio da escola, coisa que fazem diariamente, mas que nesse momento tinha outro objetivo que não apenas a recreação, constituiu-se, por si só, em elemento favorável para a aceitação e participação no evento. Ao serem divididos em grupos, acirrou-se entre eles a disputa do “saber”, onde percebia-se a brincadeira, a piada, o “sopro da cola” (que não era permitido, e por isso mesmo era tentado, pois é um dos momentos em que o aluno [por vingança ?] tenta “passar a perna” ou “ludibriar” o professor). Uma observação importante da professora

supervisora foi em relação a alguns alunos que, nas atividades normais de história em sala de aula, não se pronunciavam, não participavam, da mesma maneira como ali, naquele momento, em que questionado, ou mesmo tentando auxiliar o seu grupo na conquista de um (valioso) ponto, expressava sua opinião tentando responder corretamente a questão levantada.

Este envolvimento participativo, individual ou coletivo, foi notável no sentido de que, além de revisar o conteúdo programado, outras informações a respeito do mesmo lhe eram agregadas através de comentários por parte dos bolsistas (autores das questões) ou pela própria professora supervisora, no sentido de oportunizar o enriquecimento do saber.

Posteriormente, tivemos outras oportunidades de trabalharmos com as mesmas turmas em outros conteúdos: A ERA VARGAS (1930-1945) e A QUESTÃO PALESTINA, sempre buscando complementar com qualidade as informações contidas no livro didático e, na medida do possível, ampliarmos o conhecimento dos alunos por meio de informações buscadas em fontes de pesquisas alternativas.

Nestas temáticas procuramos trabalhar a fixação do conteúdo através de imagens. Após leituras e debates com o grupo Pibid, realizados na UEG com o professor coordenado Eduardo Vasconcelos e a professora supervisora Flávia Rosa, posteriormente com a orientação da professora supervisora os bolsistas realizaram a pesquisa específico de materiais didáticos, conforme o assunto correspondente a cada grupo e, posteriormente, a mesma foi selecionada conforme objetivo a ser alcançado.

O grupo do Pibid do subprojeto de História, de comum acordo, elaborou os conteúdos a serem trabalhados através de recursos audiovisuais constando os mesmos de fotos, charges e caricaturas sobre a temática em questão. A temática A ERA VARGAS oferece um verdadeiro arsenal de material audiovisual. Por se tratar de um período autoritário de nossa história, o qual facilmente o grupos pode relacioná-lo ao conteúdo trabalhado anteriormente: OS ESTADOS FASCISTAS. Este complemento de informações, abordado de forma objetiva através de imagens e comentários sobre o material, despertou nos alunos, de modo geral, uma curiosidade em relação à ampliação, para um contexto internacional, de uma fase de nossa história, ricamente relacionada com fatos externos, que normalmente a historiografia dos livros didáticos não contemplam ou o fazem de modo parcial.

Neste sentido, as charges exercem “um certo fascínio” sobre o público alvo pois sua leitura permite abordagens diversificadas e, no universo individual de cada aluno, através de



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



seu imaginário, as mesmas multiplicam-se ao infinito, pois cada detalhe é uma expressão multifacetada daquilo que o autor quer exprimir, relacionar, atingir, e, o aluno, por sua vez, ensaia sua própria leitura e com ele permanece, em última instância, a verdade, a sua verdade. Isso podemos sentir e vivenciar na prática ao expormos uma charge, oportunizando às interpretações, o espectro de leituras é realmente espantoso, cada qual opinando sua interpretação que dificilmente coincide com a de seu colega, embora a charge seja a mesma.

Segundo a professora supervisora, questionados, posteriormente à apresentação da aula audiovisual, é quase unânime a opinião dos alunos que a “charge” realmente tem um poder impressionante de auxílio na fixação do conteúdo na relação ensino-aprendizagem. Além de sua “mística maldade”, onde o autor procura desmoralizar alguém (normalmente uma figura política em destaque) através de seu “mordaz humor”, a maneira como é exposta (seus traços, seus detalhes) deixa, de maneira inquestionável, sua mensagem sarcástica e destruidora. Após o contato com as aulas audiovisuais, segundo a professora supervisora, os alunos, de modo geral, passaram a ter um olhar diferenciado para o livro didático, em relação às imagens que nele aparece; descortinou-se um novo mundo de conhecimento que antes não chamava atenção.

Ao trabalharmos A QUESTÃO PALESTINA, um assunto com repercussões mundiais, e sempre atual sentimos, por parte dos alunos, maior interesse em relação às imagens apresentadas. Muitas questões foram levantadas a respeito deste conflito milenar entre judeus e árabes e com elas muitas dúvidas foram sanadas. Exemplo disso, a formação dos dois Estados: Palestino e Judeu, pela ONU, em 1947, tendo na Presidência da Assembleia Geral o brasileiro Osvaldo Aranha, e, posteriormente, em 1948, a criação (oficial) apenas de Israel, foi, entre os assuntos abordados, talvez, aquele que mais evidenciou um maior desconhecimento por parte dos alunos. É um detalhe importante que confere a este conflito a conexão com a atual violência. Ao deixar de tratar de forma equânime palestinos e judeus a ONU fomenta a instabilidade política na região originando a “Questão Palestina”. Mais uma vez as charges tiveram papel importante para elucidar os fatos de uma forma descontraída mas contundente. Nesta temática nos chamou a atenção o pouco conhecimento em geografia

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

por parte dos alunos, fato notório quando se faz necessário qualquer identificação em mapas apresentados.

CONCLUSÃO:

Fazendo um pequeno balanço das experiências acima realizadas, podemos ressaltar alguns fatores importantes:

1. Atividades que promovam a saída do aluno do ambiente da sala de aula são sempre bem-vindas pela comunidade discente;
2. Aulas utilizando os recursos audiovisuais são mais atraentes que as expositivas, e, neste caso, a disciplina de história é privilegiada pelo espectro de assuntos que oferece;
3. Dos recursos com audiovisuais o que mais chama a atenção do aluno e instiga-o a uma maior participação na aula são as “charges”;
4. Através destas aulas alternativas, sejam elas ministradas ao ar livre (no pátio da escola) ou em na sala especial de audiovisual, o aluno deixa de ser refém do livro didático e tem a oportunidade de ampliar seus conhecimentos na disciplina;

Por fim, podemos dizer que é extremamente positivo este maior envolvimento com a escola-campo que o Pibid oferece aos bolsistas. Ao mesmo tempo em embasados nos conhecimento teóricos específicos e pedagógicos discutido nos encontros na Universidade com o professor coordenado, procuramos auxiliar, com qualidade, a professora supervisora no desenvolvimento de seu conteúdo programático, também recebemos em troca conhecimentos valiosos através da prática em sala de aula dentro desta proposta de ensino e aprendizagem recíproca do Pibid. Em relação às aulas, das quais temos participado, é significativo que tentemos continuar ministrando-as, dentro do possível, através de recursos audiovisuais tendo em vista o enquadramento perfeito que a isto nos oferece a disciplina de história, bem como o índice de aproveitamento dos alunos em relação aos assuntos abordados.

REFERÊNCIAS



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014

Local: Câmpus – Pirenópolis



GOBBATO, Carolina Gobbato; AZEVEDO, Gilmar de ; HOPPE, Martha W. (Orgs.) *O Pibid na Uergs: práticas pedagógicas e experiências na Iniciação à docência*. São Leopoldo-RS: Oikos Editora, 2014a.

_____. *Práticas pibidianas na Uergs: olhares, reflexões e aprendizagens da iniciação à docência*. São Leopoldo-RS: Oikos Editoria, 2014b.

GOIÁS. Plano de Ensino do Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico. Quirinópolis-GO, 2013.